

## A flor do tamarindo

**E**ra uma vez uma menina que queria muito ir à escola. Vivia numa pequena cidade de um país pobre, onde havia um tamarindo à porta de cada casa. Mas, em cada ano, só um deles dava uma flor prodigiosa. E todos ansiavam ver florescer na *sua* árvore a flor que tinha o condão de realizar um desejo...



Íris, assim se chamava a menina, também tinha um tamarindo.

A mãe trabalhava num tear e vendia os seus lindos tecidos de seda a uma multinacional de um país rico. Como lhe pagavam muito pouco e era obrigada a trabalhar muitas horas, era Íris quem tinha de limpar a casa, de fazer a comida e tratar dos irmãos. Para terem mais algum dinheiro, a menina também colhia couves que vendia no mercado.

Por isso não ia à escola. Mas também não havia nenhuma escola na cidade...

Durante o trabalho, Íris arranjava sempre tempo para regar o seu tamarindo. Sonhava com a flor mágica... Se brotasse na sua árvore, o desejo que acalentava há muito ser-lhe-ia concedido: ir para a escola!

Como na cidade não havia água canalizada, todos os dias Íris, acompanhada pelo seu cão Gushu, tinha de fazer uma longa caminhada até aos arredores para ir buscar a um regato água suficiente para regar o tamarindo. E falava-lhe com amor. Sentia que regar a árvore era a coisa mais bonita que fazia!

— Tamarindo, minha querida árvore, se de ti brotasse a flor mágica! — dizia-lhe.



Uma noite, com a lua a brilhar no céu, a menina pôs-se à janela para ver as estrelas. Gushu dormia ao lado do tamarindo e a árvore também parecia dormir. De súbito, um perfume veio até Íris e uma flor nasceu num dos ramos. Seria a flor mágica ou uma das muitas flores amarelas que os tamarindos dão?

Oh, sim! Era a flor vermelha, a flor mágica! O luar deixava ver a sua cor.

O coração de Íris começou a bater com mais força. E correu até junto da árvore. Mas quando chegou, já a flor tinha desaparecido!

O *homem poderoso* tinha-a roubado.

Tratava-se de um magnata, dono de muitas propriedades e de bancos, que tinha muitos homens ao seu serviço. E logo guardou a flor num cofre de prata. Às doze badaladas, pediu--lhe um desejo:

— Flor mágica — disse-lhe — quero que enchas de lingotes de ouro os corredores dos meus bancos.

Mas a flor respondeu:

— Não reconheço a tua voz!

E murchou dentro do cofre.

Íris pensou que tudo não passara de um sonho... Talvez a flor nunca tivesse nascido...

No dia seguinte, à noite, a lua brilhava no céu e a menina assomou de novo à janela para ver as estrelas. Gushu dormia ao lado do tamarindo e a árvore parecia que também dormia. De repente, um perfume veio até Íris. Olhou para o tamarindo e viu uma flor a nascer num dos ramos. Seria a flor mágica? Oh, sim, era! O luar deixava ver a sua cor.

O coração de Íris começou a bater com mais força. Desatou a correr. Correu até junto da árvore, mas, quando lá chegou, Gushu estava a ladrar e a flor tinha de novo desaparecido!

Tinha-a uma vez mais roubado o *homem poderoso*.

Pela segunda vez, o magnata guardou a flor no cofre de prata e, às doze badaladas, pediu-lhe o mesmo desejo.

— Flor mágica — disse-lhe — quero que enchas de lingotes de ouro os corredores dos meus bancos.

E pela segunda vez a flor respondeu:

— Não reconheço a tua voz!

E tornou a murchar dentro do cofre.

A menina pensou que tinha voltado a sonhar. Desejava tanto poder andar na escola e pedir à flor que realizasse o seu desejo...

Mas a flor voltou a nascer. Gushu voltou a ladrar e o *homem poderoso* levou-a outra vez. E de novo murchou dentro do cofre. Até que o magnata desistiu. Afinal, a flor acabava sempre por murchar!



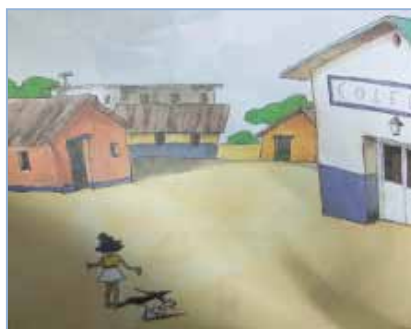
Uma manhã, ao acordar, a menina viu uma vez mais a flor na sua árvore. Não era sonho: lá estava ela! E repetiu o seu pedido. Queria tanto ir para a escola! E de novo o seu coração começou a bater aceleradamente.

— Arranca uma das minhas pétalas — disse a flor.

A menina arrancou uma pétala, e esta transformou-se numa pequena figura, num homem pequenino. E a pétala voltou a florescer. A pedido da flor, Íris arrancou todas as pétalas, que se foram transformando em muitos pequenos homens. Mas a flor continuava inteira e bonita.

Os homens trabalharam durante todo o dia. E, quando a noite caiu, a menina adormeceu ao lado de Gushu, de tão cansada que estava. Quando acordou, já havia uma escola na pequena cidade, construída mesmo ao lado da sua casa!





Um dia, uma jovem professora veio dar aulas. Chamava-se Menina Ishiam, e tornou-se tão amiga das crianças que todos a tratavam por Ishi.

Iris não deixou de trabalhar. Arrumava a casa, fazia a comida e tratava dos irmãos. Colhia couves e ia vendê-las ao mercado da cidade. Como a escola ficava perto, tinha tempo suficiente para ir às aulas como tanto desejara!



Desde que entrara para a escola, andava sempre mais atarefada, mas arranjava tempo para regar o seu tamarindo. E, embora a árvore nunca mais fosse dar outra flor mágica, todas as manhãs Iris se levantava cedo, muito cedo, caminhava com Gushu até aos arredores da cidade, e trazia água que chegasse para a regar.

E enquanto a regava dizia-lhe:

— Tamarindo, minha árvore querida, obrigada pela flor!

Falava-lhe com carinho. Regar a árvore era a coisa mais bonita que fazia!

Em seguida ia para a escola. Todos os dias, sem exceção.

E, sempre que regressava a casa, encontrava Gushu à sua espera, deitado ao lado do tamarindo.

